

**Entrevistadora:** Muito obrigada por sua participação nesse projeto. A meta deste questionário é produzir uma narrativa coerente e detalhada de sua história. Então, eu recomendo que você se sinta livre para falar o que você quiser sem ter preocupações em falar com profundidade. Isso é o que nós queremos. Diga-me sobre seu lugar de nascimento e como era esse lugar e as pessoas que moravam lá.

**Entrevistada:** Onde eu morava?

**Entrevistadora:** É, seu lugar de nascimento, onde você nasceu.

**Entrevistada:** Eu nasci na Bahia, né? No caso. Nasci aqui na Bahia. Onde? Como era aqui antigamente? Aqui era o quê? Normal, né? As pessoas eram mais amáveis. Hoje em dia está todo mundo violento, uma coisa horrível. Mas eu nasci aqui, estou aqui até hoje. E não foi aqui no Pelourinho não, né? Lá onde eu moro, que é no bairro, no Lobato. E o que mais?

**Entrevistadora:** Como foi quando você foi criança? Quais são suas memórias mais bonitas?

**Entrevistada:** Eu me lembro que eu tinha três bonecas grandes, e eu brincava com a minha boneca. Brincava de raia, brincava com as minhas amiguinhas. Mãinha mandava fazer as coisas, eu fazia pela metade para brincar. Foi uma infância boa. Eu tenho amigos de infância até hoje. Foi boa a minha infância.

**Entrevistadora:** Você lembra algum jogo, passatempo, brincadeira em particular que você costumava jogar?

**Entrevistada:** Eu jogava baralho. Baralho. Assim, baralho. E brincava com as meninas de- jogo não. Eu brincava assim mais de "atirei o pau no gato", brincava de se esconder. Jogo não era assim- era de casinha, brincava de-- Deixa eu ver, mais-- "Pimentinha pimentão", puxava a gente de bambolê, essas coisas assim, porque eu era criança. Acabou.

**Entrevistadora:** Fale sobre seus pais e avós. De onde eles eram?

**Entrevistada:** Meu pai era de Pojuca. Minha mãe é de Salvador. Minha avó também é de Salvador. O meu avô é de Pojuca.

**Entrevistadora:** Quais eram as suas profissões ou trabalhos de seus pais ou avós?

**Entrevistada:** A minha mãe era Baiana de Acarajé. A minha avó não me lembro. Meu pai era petroleiro, trabalhava para a Petrobras. O meu avô também não sei. Só isso. E ela também era cobradora de ônibus antes de ser Baiana, cozinheira, cozinhou muito para vender, essas coisas assim. Aí terminou sendo Baiana.

**Entrevistadora:** Como era o Pelourinho quando você era criança?

**Entrevistada:** Aqui era tudo destruído, tudo feio, tudo descascado, acabado, né? Só tinha muita gente diferente, né? Essas pessoas, mais coisas. Hoje que melhorou bastante. Aqui era muito feio. Agora ficou bonito, para o que era.

**Entrevistadora:** Como era trabalhar em sua profissão quando você era criança? Era diferente?

**Entrevistada:** Eu comecei a trabalhar com mãe, eu tinha 10 anos. Não é diferente, porque é a mesma coisa como é até hoje, porque fazia tudo que eu faço aqui. Eu só não fazia é vender porque eu não sabia. Mas eu fui lavar prato, lavava o feijão, lavava roupa. E aí até hoje a mesma coisa, não era diferente não.

**Entrevistadora:** Como era trabalhar em sua profissão para sua mãe?

**Entrevistada:** Como era trabalhar? No caso, ela ia para a feira, e eu ficava em casa. Aí eu ficava fazendo as coisas, arrumando, limpando, adiantando algumas coisas enquanto ela chegava.

**Entrevistadora:** Como você aprendeu a cozinhar? Você tem alguma história sobre isso?

**Entrevistada:** Com minha mãe, tudo com a minha mãe. Vai fazendo e me ensinando a fazer. "Venha ver como é para você aprender." Aí eu ia, fazia um arraso, quer era tudo sem saber, né? Na hora é horrível. Depois, ela: "Não é assim. É assim." Aí foi indo, foi indo e eu aprendi a fazer. Faço todo tipo de comida, faço em casa, além do que as comidas baianas, que é o acarajé. Pronto.

**Entrevistadora:** Você gosta de comer?

**Entrevistada:** Não. [risos] Eu sou mais de merendar, porque minha mãe sempre quando faz merendas e merendas, vem todo mundo lá em casa, gosta muito de merenda. A gente come porque tem que comer, né? Porque faz mal, mas eu não gosto muito de comer. Comida você fala, ou comer qualquer coisa? Comida, né? Eu estou comendo aqui agora porque eu comprei na hora assim, na última hora, que eu estou com fome já aqui. Aí estou comendo aqui no meio da rua. Mas se fosse em casa, estava com a merendinha na mão. É bom.

**Entrevistadora:** E quais são as suas comidas ou merendas preferidas?

**Entrevistada:** Bolo, suco, pizza, bolacha, hambúrguer. Que comida eu gosto? É galinha e macarrão, que eu mais gosto.

**Entrevistadora:** E você compartilha uma receita com nós?

**Entrevistada:** Uma receita? De quê? [inaudible 00:05:53]. Espera aí. [inaudible 00:06:00]. Ah, hoje não dá para fazer nada aqui. Diga, amor? Nada?

**Entrevistadora:** Receita.

File name: VFOA Brazil A C R d S.MP3

**Entrevistada:** Uma receita de quê? E agora? Moqueca de peixe. Pode ser? Uma mais fácil. Moqueca de peixe é um pouco difícil. Deixa eu ver. Eu quero lembrar aqui uma coisa. De quê? Agora que eu estou aqui sem saber. Um bolinho de estudante? Pode ser aquele bolinho? Olhe, pega o coco, rala. Descasca ele todinho, parte e descasca. Depois de descascado bate no liquidificador o coco. Quando estiver triturado, bote dentro de uma vasilha com o leite de coco já passado. Aí ponha açúcar e sal a gosto. Quando estiver na vasilha, ponha meio quilo de tapioca dentro do caldinho.

Quando ela inchar, aí pega, amassa, amassa, amassa até formar uma pastinha. Depois essa pastinha, pega, abre a tapioca seca, bota numa vasilha, faz o bolinho. Pegar um pouquinho, e faz o bolinho. Molha a mão numa água que tiver do lado, botar. Vai de novo. Aí passa na tapioca seca. Tapioca seca para ela ficar com aquele negócio por cima ali, bem crocante. Depois de tudo pronto, bota para fritar com um tanto bom de óleo numa vasilha funda.

Depois que estiver bem quente o óleo, bem quente, vai jogando o bolinho dentro, esse bolinho dentro, já pronto para ele torrar. Quando estiver moreninho, está bom de tirar do fogo, do óleo. Escorre em papel-toalha. Aí tira o azeite. E só comer com canela e açúcar como aqui ó, canela e açúcar. Pega ele e bota aqui na canela e açúcar. É uma receita muito fácil, e todo mundo come. É tipo uma sobremesa. É muito bom.

**Entrevistadora:** Você cozinha também em sua casa?

**Entrevistada:** Cozinho. Todo dia. Feijão, arroz, bife, fígado, galinha, macarrão, moqueca, marisco, moqueca de camarão, que eu gosto muito, cozido, mocotó, feijoada. Comida baiana, né? Vatapá, caruru, tudo eu cozinho em casa.

**Entrevistadora:** Você gosta de cozinhar?

**Entrevistada:** Gosto de cozinhar. Aliás, eu gosto de fazer tudo dentro de casa, de arrumar, cozinhar, lavar. Gosto de fazer tudo. Eu me sinto bem quando eu faço as minhas coisas.

**Entrevistadora:** Você gosta da música?

**Entrevistada:** O quê? Você me perguntou uma coisa aí que está [unintelligible 00:09:18] no meu sentido, porque eu adoro música. Música, minha filha, eu não vivo sem a música, porque a música para mim é uma coisa que deixa você desestressada. Desestressada. Entendeu? Amo. Agora, internacional, que eu gosto mais ainda. Certo? Nacionais também e todos os tipos de música eu gosto, mas internacional eu gosto mais ainda. E música é o meu viver.

**Entrevistadora:** E você gosta de cantar?

**Entrevistada:** Também. Amo cantar. Cantei tanto hoje em casa antes de sair. Se eu ficasse em casa, estava cantando até agora, cantando.

**Entrevistadora:** Você pode cantar algo?

**Entrevistada:** Ai, meu Deus do céu, agora que está. Vou cantar o que aqui? Vou cantar que música aqui agora? Pelo amor de Deus. Agora que você me pegou toda. Agora eu vou [unintelligible 00:10:06] tudo em cima da hora aqui, eu vou lembrar o quê? Me diga aí. Música de quê? De quem? De Roberto Carlos? De-- Bruno & Marrone.

**Criança:** Tia.

**Entrevistada:** Oi?

**Criança:** Me dá um acarajé?

**Entrevistada:** Rapaz, só tem isso aqui.

**Entrevistadora:** Uma canção que você goste.

**Entrevistada:** Eu quero-- Na hora sempre a gente está sem lembrar, né? Não dá para pular essa parte não? Pular essa parte da música, não pode não? Está gravando aí já? [unintelligible 00:10:50] ela gastando. Eu quero lembrar uma música. Espera aí. Nada de eu lembrar.

**Homem:** Cante aí, amor.

[barulho de fundo]

**Entrevistada:** Meu Deus do céu. Vai ficar uma parte grandona sem nada para falar aí. [risos] É, a gente quer lembrar a música e não toca em minha mente. Ai, eu vou cantar. Eu vou cantar a música de Fernando Mendes. Agora é essa daqui ó, "Não adianta um pé de coelho no bolso traseiro, nem mesmo a tal ferradura suspensa atrás da porta com um astral bem maior do que a noite passada, pois toda sorte tem quem acredita nela. Não é preciso dizer que dará recompensa. Não faça isso, há muitos que gostam de criticar. Esperam a sorte sentados, sem sair do lugar. Mas toda sorte tem quem acredita nela. Não adianta ir à igreja rezar e fazer tudo errado. Você quer as coisas da frente e olhando de lado. O céu que te cobre não cobra a luz da manhã. Desperte pra vida, e acredite, a sorte é irmã." Acabou.

**Entrevistadora:** Bonita. Muito obrigada. Muito bonito.

**Entrevistada:** De nada.

**Entrevistadora:** E qual religião você pratica?

**Entrevistada:** Evangélica. Evangélica.

File name: VFOA Brazil A C R d S.MP3

**Entrevistadora:** Existe uma ligação entre o que você faz e sua religião?

**Entrevistada:** Não sei não, porque, no caso, eu gosto muito da igreja evangélica, né? Não é Católica nem Candomblé, é evangélica. Não tem nada a ver não. Não tem nada a ver. Que aqui eu tenho aqui como um trabalho, o meu pão de cada dia. E lá na igreja eu gosto de ir refletir. É que é bom buscar Deus. Não tem nada a ver não.

**Entrevistadora:** Pode descrever qual é a sua parte preferida de seu serviço religioso?

**Entrevistada:** Do meu serviço aqui?

**Entrevistadora:** Na igreja.

**Entrevistada:** Ah, a minha parte preferida que eu gosto é ouvir louvores, ouvir as canções, as músicas, e na hora da oração, que eu gosto. A parte preferida, mais que eu gosto, é essa. E ouvir as orações e ouvir os louvores. Pronto.

**Entrevistadora:** Qual é o nome de sua profissão ou trabalho?

**Entrevistada:** Eu sou Baiana de Acarajé. Sou Baiana de Acarajé. Uma pequena empresa, uma pequena empresa de bolinho de acarajé que eu tenho. Se tivesse mais pessoas que vendessem para mim, ia ser uma grande empresária. Eu sou uma pequenininha empresária de acarajé, uma mini-empresária aí com as coisas.

**Entrevistadora:** E que você pensa sobre sua profissão ou trabalho?

**Entrevistada:** Eu penso que eu gosto de fazer o que eu faço. Tenho que vir para cá ganhar o meu pão de cada dia. E gosto de vir porque é lá dos meus fregueses, os meus clientes gostam de mim. E eles gostam quando eu estou aqui vendendo o meu acarajezinho, quando eu estou participando da venda com eles, comprando, eu rindo, eles rindo, e compram, e vão embora satisfeitos. A parte boa que eu gosto é essa.

**Entrevistadora:** Quanto tempo faz que você trabalha nesta área de Pelourinho?

**Entrevistada:** Tem 33 anos, que eu tenho 43. Então, eu comecei com 10 anos com minha mãe, né? Entretanto, ela faleceu e eu fiquei aqui. Eu aqui, vai fazer cinco anos sozinha, sem ela mais presente. E com tudo junto, 34.

**Entrevistadora:** Que coisas você gosta de trabalhar aqui?

**Entrevistada:** Hm?

**Entrevistadora:** Que coisas você gosta de trabalhar aqui?

**Entrevistada:** Que coisa eu gosto de trabalhar aqui?

**Entrevistadora:** Que gosta de trabalhar aqui no Pelourinho.

**Entrevistada:** O que gosto de trabalhar aqui é só com isso mesmo. Eu não tenho outra coisa que eu goste, não. Só com o meu acarajé, no caso. É isso que você quer saber?

**Entrevistadora:** Que coisas você não gosta de trabalhar em Pelourinho?

**Entrevistada:** A coisa que eu não gosto de trabalhar aqui, de ver aqui, é, no caso, esses meninos que ficam pedindo, essa agonia que fica aqui em cima do pessoal, uma coisa que eu não gosto de ver. Nem de trabalhar não é, é de ver essas coisas aqui, que nunca dão jeito nisso. Você está comprando um acarajé aqui, chega um cara todo sujo pedindo, a pessoa desiste até de comprar para se livrar do indivíduo. E a gente até perde a venda por causa desses meninos. É horrível, é o que eu não gosto aqui.

**Entrevistadora:** Você trabalhou num outro lugar?

**Entrevistada:** Já, Largo do Tanque, Ribeira, Rio Vermelho. Já trabalhei. Tororó. Um bocado de lugares [unintelligible 00:16:41]. Mas aí eu fiquei aqui fixamente. Eu trabalhei na Castro Alves. Mas depois fiquei por aqui mesmo. E daqui, eu só fico aqui, não saio, só se for para fazer um evento para alguém fora, aí eu saio. Mas todo dia eu estou aqui.

**Entrevistadora:** Que coisas você não gosta de seu trabalho?

**Entrevistada:** O que eu não gosto do meu trabalho? Meu Deus, eu gosto de tudo. Não tem o que eu não goste não. Não tenho não. Eu não gosto quando chove. [risos] Mas eu gosto de tudo aqui no meu trabalho. Não tenha o que eu não goste não. Porque se você não gosta de uma coisa, não adianta você ficar fazendo o que você não gosta, não é isso? Então, você tem que gostar, de amar, o que você faz para se sentir bem. Então, não tem nada que eu não goste aqui, tudo eu gosto.

**Entrevistadora:** E que coisas você gosta de sua profissão?

**Entrevistada:** Ah, gosto de fazer acarajé, bater a massa, fazer o meu ingrediente em casa, trazer, ariar as minhas panelas, as minhas coisas. Aqui eu gosto de fazer tudo, bolinho, abará, e fazer acarajé para mim é a melhor coisa, fazer o bolinho e botar ali para fritar, já gosto de fazer.

**Entrevistadora:** Como você pensa que os turistas vêem você?

**Entrevistada:** Como o quê?

**Entrevistadora:** Como você pensa que os turistas ouvem ou vêem você?

**Entrevistada:** Como eu penso que eles vêem a mim? No caso, assim-- Ah, como ele me vê? Eu acho que eles vêem a gente assim como um ídolo, porque a gente

File name: VFOA Brazil A C R d S.MP3

somos Baiana de Acarajé. No caso, nós, as Baianas, você está falando, né? Não é Baiano não, nós? Então, ele vê a gente, ele acha a gente um negócio assim, que o Michael Jackson lá fora-- Porque tem um rapaz mesmo que tem uma foto minha há mais quatro anos, cinco anos, na casa dele, acho que em São Paulo ou no Rio que ele mora. Então, ele veio aqui outro dia, fez 20 dias agora, na terça-feira, que ele chegou aqui dizendo a mim que está eu no escritório dele bem bonita com uma foto com ele do lado. E eu não sabia. Olha, tem cinco anos isso.

Quer dizer, para ele, ele é um mito, uma coisa assim, né? A gente é o quê? Uma fã dele. Quando eles chegam aqui, querem tirar retrato, bastante foto. Então, ele vê a gente assim como um cantor, um ator, uma coisa doutro mundo, que lá não tem isso onde eles moram. Quando chega aqui, se encantam com a gente. Ele vê a gente muito bem. Eu já gosto dos turistas também, quando eles vem aqui, porque também ele vê a gente bem, a gente vai ver eles bem, não é isso?

**Entrevistadora:** Como é sua relação com as pessoas da Bahia?

**Entrevistada:** Ótimas. Ótima. Todos gostam de mim, e eu gosto de todos, os meus vizinhos e as pessoas da Bahia, ótimos. Nós somos tipo uma família, né? Cada um do seu jeito, em cada lugar que você ir, né? No caso, onde você vá. Quer dizer, aqui na Bahia, todo mundo é de um jeito só. Onde você mora também, né? Então, eu me dou bem com todo mundo. Se um dia não dá para se dar, a gente se afasta, mas fica só no "oi", mas me dou ótimo com todo mundo na Bahia.

**Entrevistadora:** Você está casada?

**Entrevistada:** Estou. Aquele ali é meu filho, aquele ali.

**Entrevistadora:** E como conheceu seu marido?

**Entrevistada:** Hm?

**Entrevistadora:** Como conheceu seu marido?

**Entrevistada:** Conheci ele no trabalho, no trabalho. A gente trabalhava. Aí era amigos assim de trabalho, nós nos conhecemos.

**Entrevistadora:** E ele trabalha?

**Entrevistada:** Trabalha na construção civil.

**Entrevistadora:** E quem é a pessoa que ganha mais dinheiro em sua família?

**Entrevistada:** Eu. Eu ganho por dia. Por dia tiro mais do que ele. Entendeu?

**Entrevistadora:** Você tem filhos?

**Entrevistada:** Ali, aquele. Tenho dois filhos e dois netos.

File name: VFOA Brazil A C R d S.MP3



**Entrevistadora:** E fale sobre eles, suas vidas, seus trabalhos.

**Entrevistada:** Os meus filhos são ótimos para mim. Todos trabalham. Todos são gente de bem. Sobre os trabalhos deles? Ele é guia turístico, ele. E o outro trabalha em uma firma. Também já casou. Também já casaram. Ele também. E vivem uma vida normal. Vivem normal. Ninguém vive- né? Mora na casa dele, o outro mora na outra, eu moro na minha. Então, todos vivem normais. De manhã sai, vai trabalhar, volta de noite. **[unintelligible 00:21:26]** ele toma um cafezinho, um banhozinho, e vai dormir. Pronto. A mesma coisa de mim.

**Entrevistadora:** E quais são as suas esperanças e expectativas para eles?

**Entrevistada:** Que antes de eu morrer, eu veja meus filhos, tudo melhor do que agora, entendeu? Eles bem de vida, bem aprumado, porque nós que é mãe, os filhos já cresceram, mas a gente não está seguro ainda de um dia ir embora, partir e deixar eles aqui. Então, quanto mais eu ver eles aprumados para mim melhor, de eu ia ficar mais sossegada, tranquila, se eu estiver velhinha ou ir embora esse mundo. A minha expectativa é essa.

**Entrevistadora:** Você tem filhas?

**Entrevistada:** Não, tenho dois meninos só.

**Entrevistadora:** E você está ensinando seus filhos seu trabalho?

**Entrevistada:** Já sabem fazer tudo. Todos sabem fazer tudo. Esse aí ensinei a cozinhar. Ele também sabe fazer o acarajé, todo mundo sabe fazer. Não fica ninguém na rua sem profissão.

**Entrevistadora:** Você morou num outro estado?

**Entrevistada:** Não, só morei aqui no estado da Bahia, em Salvador.

**Entrevistadora:** Você participa em algum grupo ou organização?

**Entrevistada:** Eu participo é da Associação das Baianas, a ABAM que está aqui embaixo. Só a Associação das Baianas. Mais nada.

**Entrevistadora:** E que role, ou papel, ou o que você faz neste grupo ou organização?

**Entrevistada:** Não, lá assim, ó-- Quando tem reuniões, convocam a gente para falar algo, a gente vai. Pronto. Às vezes, tem cursos de Inglês, de manipulação de alimentos, de boas maneiras, de como tratar o cliente, como não tratar. Aí nós vai, toma esses cursos no Senac lá embaixo, aqui na Barroquinha, na Aquidabã, quando tem. Quando não tem, a gente fica em casa procurando fazer outras coisas da nossa vida mesmo pessoal, não é? Fora disso. Como agora, vai ter curso de novo de Inglês. E eu adoro. Já gosto. Eu já gosto porque **[unintelligible 00:23:32]** dá pra

File name: VFOA Brazil A C R d S.MP3



eu ir. E eu quero tomar um de computação, mas não estou achando, logo. Então é isso, o grupo é esse aí só que eu tenho. Mais o quê?

**Entrevistadora:** Que tipo de relações você tem com as outras mulheres que trabalham na área?

**Entrevistada:** Ótimas. Todo mundo, sempre a gente conversa, sempre estamos bem. Se precisamos da outra, ajuda, serve. E aí por diante.

**Entrevistadora:** Você gostaria de falar de algo mais que não falamos até agora?

**Entrevistada:** Eu já falei tanto que não nem sei mais o que falar. Ái, meu Deus. Falar o quê, meu Pai? Eu gostaria, sabe, que-- Não sei, eu gostaria que melhorasse o Pelourinho, como era antigamente, que agora aqui não tem mais como- não é como era. Porque quando o governo, quer dizer, o ACM-- Como eu falei a você anteriormente, que aqui era feio, né? Ele veio e endireitou, no caso, essas casas bonitas que você está vendo aí, foi ACM que fez ficar bonita, muito com o governo dele, que ele tinha do lado. Aí fez ficar bonitinha. Então, veio turistas para cá, veio muitas pessoas para cá. E começou a encher de gente aqui.

Depois que ele não pôde mais ficar no cargo, e saiu- o cargo foi baixo para ele, não pôde fazer mais nada. Então aqui ficou muito parado, caiu. Antes aqui tinha a benção da gente curtir, trabalhar, ganhar dinheiro. Que era um palco muito grande ali, o palco saiu dali, tiraram dali sem ninguém saber como é que foi isso. Saiu de repente. Então eu gostaria que se alguns governadores botasse aqui como era antes. voltasse botar aqui atrações nas praças ali embaixo. Tem muito lugares aqui bom, estão fechados por falta de clientela. De pessoas pra se exercer a função.

Porque aqui já fecharam mais de 60 casas aqui de show, casa restaurante, por causa de público que não tem mais. Nem no Pelourinho. Então falta pessoas, falta cliente, e falta nosso dinheiro. Então gostaria que voltasse a ser como era aqui. Não adianta, ele quer tirar daqui os sacizeiro, os ladrão. Mas não adianta, que aqui eles não saem. Vai um ou vem outro. Se eles fizessem isso era ótimo pra nós.

**Entrevistadora:** Uma pergunta, que ano de nascimento? Em que ano você nasceu?

**Entrevistada:** Eu nasci em '67. 30 do cinco de 1967.

**Entrevistadora:** Qual é o último ano da escola que você alcançou?

**Entrevistada:** Primeiro ano. Último ano, aí minha filha, agora aqui estou. O último ano que estudei foi em '89. Foi. Que era pra eu me formar em patologia mas eu desisti. Fui trabalhar pra fazer meu curso, pra poder me formar, mas não fui. **[unintelligible 00:26:48]** fazer estágio. Mas aí depois comecei a ir, não ir. Aí eu fiquei com trauma do que eu queria, não fui mais. Fiquei aqui. Fui vendedora de lojas, de roupa. Daí vim ser baiana e até hoje estou aqui.



**Entrevistadora:** Onde você mora? Qual é o nome de seu bairro?

**Entrevistada:** Eu moro no Lobato. Lobato é o subúrbio ferroviário. Cidade baixa. Desce aqui, pega o ônibus e vai direto.

**Entrevistadora:** Muito obrigada por sua participação. Você pode falar comigo se você tem perguntas ou deseja agregar algo a sua contribuição. Obrigada.

**Entrevistada:** Nada. Tudo bem.